

## 12. A MUDANÇA SINTÁTICA

Texto traduzido e adaptado do capítulo 12 “Syntactic Change” (pp. 237- 53) em Winfred P. Lehmann, *Historical Linguistics: An Introduction* (1962, 3ª. edição de 1993, reimpressão de 1994. Londres e Nova York: Routledge)

### 12.1. O demorado reconhecimento da estrutura sintática

A análise das sentenças revela com dificuldade a estrutura da sintaxe. Diferentemente da morfologia, a sintaxe não pode ser analisada em paradigmas regulares. Ademais, as sequências sintáticas estão mais abertas à variação pragmática do que as da morfologia e da fonologia. Pelo propósito da variação fonológica podemos selecionar formas incomuns e também padrões sonoros pouco frequentes, tal como na produção de rimas ou da aliteração. Entretanto, escolhemos tipicamente padrões não-marcados tanto na morfologia como na fonologia no contexto de uma conversa geral. A sintaxe, porém, modificamos com facilidade e frequência, colocando objetos ao início das sentenças, tal como ocorre nesta, para enfatizar o segmento deslocado. O resultado das múltiplas possibilidades da sintaxe, durante muitos anos, fez com que os linguistas não reconhecessem as estruturas básicas da sintaxe. Em lugar disso, descreviam frases, orações e sentenças, identificando seus componentes e as categorias a que pertencem, assim como seus usos. A variação entre padrões era tratada pela estilística.



Em contraste com tais tratamentos sintáticos, em 1844, Henri Weil publicou uma monografia notável sobre a sintaxe do latim. Ao listar os padrões sintáticos das línguas, Weil os comparou com os padrões presentes no turco. Ou seja, Weil reconhecia que o latim era uma língua em que o verbo ocupa a posição final (OV). Essa descoberta está apoiada atualmente pelos trabalhos de Charles Elerick que tratam da sintaxe de Cícero, Júlio César, e Tito Lívio. Por exemplo, a sentença seguinte no primeiro livro sobre a história de Roma de Tito Lívio apresenta a ordem OV e, além disso, uma construção relativa anteposta em *proelio victum*:

*Alii proelio victum Latinum pacem cum Aenea, deinde affinitatem iunxisse tradunt.*

Algum.3ª.PL.MASC. batalha.ABL vencido.ACUS Latino.ACUS paz.ACUS com Enéas.ABL então relação.ACUS unir.inf.perf. reportar.3ª.PL.PRES.INDIC.ATIV.

“Alguns reportam que Latino, vencido na batalha, logo fez as pazes com Enéas e então [fez] uma aliança por casamento.”

Ao fornecer apoio para as conclusões de Weil, Elerick não só mostra que a posição final do verbo é estatisticamente a mais frequente na linguagem dos três autores analisada por ele. Elerick também profere regras para a ocorrência dos outros padrões.

A monografia de Weil foi citada por Delbrück, por exemplo, mas seu discernimento dos padrões sintáticos não foi reconhecido. Delbrück, por sua vez, identificou os padrões da sintaxe védica, particularmente na sua monografia sobre a *śatapathabrāhmaṇa*. O neogramático reconheceu que o verbo ocupava a posição final na sentença e que o sânscrito védico tinha posposições em lugar de preposições e, ademais, que os adjetivos precediam os substantivos. Além disso, Delbrück se interessava bastante pela entonação. Ele indicou que os verbos em orações finitas não recebiam o acento quando ocupavam o lugar final, mas os verbos nas orações infinitas levavam o acento. Delbrück relacionou essa situação à posição anteposta das orações infinitas. Já que as orações infinitas precedem as orações finitas nas línguas OV, Delbrück forneceu bastantes evidências de que OV era a “ordem tradicional”, como ele o expressou, nas línguas indo-europeias.

Podemos exemplificar o padrão OV do védico com alguns versos do *Rigveda*:

*Rigveda*, 1.12.7.

*yāḥ sūriam, yá usásam jajāna,*

quem sol, quem amanhecer criou

*yó apām netā – sá janāsa, Indrah.*

quem [das]\_águas guia ele homens Indra.

“Indra, ó homens, é quem criou o sol e o alvorecer, e quem é o guia das águas.”

Essa breve passagem do *Rigveda* exemplifica as seguintes características OV. O verbo *jajāna* fica no final da sua oração. As orações relativas introduzidas por *ya-* precedem seu antecedente *sa*. O genitivo *apām* precede seu substantivo. Ademais, o primeiro verso exibe elipse do tipo esperado em línguas OV: o verbo é delatado da primeira oração, e é localizado somente na segunda. Como o latim precoce e o hitita, o sânscrito védico, portanto, fornece muitas evidências para uma estrutura OV.

## **12.2. O protoindo-europeu como uma língua OV, tal como o Método Comparativo o demonstra**

Se aplicarmos os princípios do método comparativo aos padrões sintáticos, identificados nos dialetos precoces, concluimos que o protoindo-europeu era uma língua

OV. Como observamos no capítulo 7, o método comparativo é aplicado a traços abstratos e não às manifestações superficiais. No componente fonológico, o método é aplicado aos fonemas e às subclasses de fonemas, não aos fones. Igualmente, na sintaxe, o método comparativo deve ser aplicado a estruturas abstratas tal como a ordem das construções relativas a seus antecedentes (Or. rel. + Ant.). Os especialistas no indo-europeu no século XIX aplicavam o método comparativo apenas a padrões fonológicos e morfológicos e, conseqüentemente, não reconstruíam os padrões sintáticos da protolíngua.

As descobertas de Weil e Delbrück não conduziram ao reconhecimento da estrutura da sintaxe, nem dos padrões dos textos antigos, como o *Rigveda*. Quando Brugmann escreveu seu trabalho de 1925 sobre a sentença simples do indo-europeu, prosseguiu em sua maneira sistemática, descrevendo sentenças, orações e frases e as relações entre seus elementos. Isso quer dizer, seu trabalho tratou principalmente dos traços morfológicos que sinalizam as relações sintáticas.

Muitas monografias sobre construções específicas foram produzidas por outros linguistas históricos, mas os resultados não foram coordenados. George Small, por exemplo, publicou duas monografias sobre construções comparativas nos dialetos germânicos precoces, nas quais demonstrou que os textos incluíam muitos exemplos como o seguinte do inglês antigo em *Elene* 565:

*Hēo wæron stearce stāne heardran.*

“Eles eram imóveis, mais fortes do que a pedra.”

Nesse verso, o comparativo segue o padrão *stāne*. Um exemplo tirado do islandês antigo mostra a mesma construção com *konu* antes do comparativo:

*Hón var hverri konu fríðari.*

“Ela era mais bela do que qualquer outra mulher.”

Embora as monografias de Small fossem e continuem sendo importantes pelos seus dados, os linguistas não reconheceram as inter-relações entre padrões sintáticos específicos e, conseqüentemente, as descobertas foram recebidas como contribuições não-coordenadas.

### 12.3. Os universais sintáticos de Greenberg

A estrutura da sintaxe ficou evidente por meio de um artigo importante publicado por Joseph Greenberg em 1963. O artigo propôs dois argumentos significativos. Primeiro, estabeleceu relações entre padrões sintáticos, tal como a relação entre os verbos e seus objetos, entre as adposições e seus objetos e entre os comparativos e os padrões, atribuindo-as o rótulo de *universais*. Essas três construções e mais algumas que examinaremos abaixo, estão caracterizadas pela *regência*. Se os verbos precedem os objetos, tal como nas línguas VO, assim as adposições (preposições) precedem os substantivos e, nas construções comparativas, os adjetivos precedem os padrões, sempre que estejamos lidando com línguas consistentes. Ademais, se os verbos seguem os objetos que regem, tal como nas línguas OV, as outras duas construções serão paralelas.

De modo parecido, os elementos que modificam os substantivos, tal como as orações relativas, os genitivos e adjetivos ficam do lado de objetos e de outros substantivos, ou seja, em frente do verbo. Apresentamos exemplos na seção 5.4 acima<sup>1</sup>.



A segunda observação relevante proposta por Greenberg foram os *universais implicacionais*. Uma língua consistente com a ordem objeto-verbo teria também a ordem objeto - adposição e assim adiante. Isso quer dizer, se posposições em lugar de preposições forem identificadas nos textos examinados com fins históricos, a língua sob investigação pode ser reconhecida como OV antes de VO.

Ambas as constatações são relevantes para a linguística histórica. Os padrões sintáticos são baseados nas regras abstratas feitas de categorias, essas bastante parecidas às regras para a formação de casos ou à sequência de elementos fonológicos. Tal como notamos na seção 5.9, tais regras sintáticas podem ser tratadas pelo método comparativo ou pelo método da reconstrução interna e, assim, o padrão anterior pode ser reconstruído. Isso quer dizer, um padrão comparativo como *stāne heardran* “pedra\_de mais\_duro” = “mais duro do que uma pedra” no germânico, védico e latim, fornece os dados para reconstruir padrões sintáticos anteriores, de um modo parecido aos padrões morfológicos, tal como a formação da terceira pessoa do modo indicativo da voz ativa.

Ademais, se acharmos apenas padrões característicos da ordem OV, como

---

1 (1) A ordem normal das palavras em sentenças declarativas: (a) *João viu o cachorro*, (b) *Maria viu o gato*. (2) A VO (português) OV (japonês)  
 (1a) *João viu o cachorro.* *Tarō ga inu o mita.* [T cachorro viu]  
 (1b) *Maria viu o gato.* *Jirō ga neko o mita.* [J gato viu]  
 (2) *João viu o cachorro que comeu a carne.* *Tarō ga niko o tabeta inu o mita.* [T carne comeu cachorro viu]  
 (3) *João viu o cachorro grande.* *Tarō ga takai inu o mita.* [T grande cachorro viu]  
 (4) *João viu o cachorro do seu vizinho.* *Tarō ga kinjo no hito no inu o mita.*  
 [T da vizinhança do homem cachorro viu]  
 (5) *João viu da janela o cachorro.* *Tarō ga mado yori inu o mita.* [T janela da cachorro viu]  
 (6) *O cachorro é maior do que o gato.* *Inu ga neko yori takai.* [Cachorro gato de grande]

posposições ou comparativos em que o padrão antecede o adjetivo, numa língua para a qual temos poucos textos, temos motivos suficientes para concluir que a língua é OV.

Os universais identificados por Greenberg, portanto, são altamente relevantes para os fins da linguística histórica. Possibilitam que os linguistas interpretem as descobertas de estudiosos que os precederam, como Delbrück. Fornecem também os meios para a reconstrução da sintaxe de um modo comparável com a reconstrução fonológica e morfológica que são realizadas há tempos.



#### **12.4. Um novo exame das descobertas de Delbrück e os primeiros sintáticos**

Tal como notamos na seção 5.6, tratamos agora com a sintaxe através das estruturas compostas de universais sintáticos. Assim como na fonologia, propomos uma estrutura. A estrutura sintática não está tão estreitamente inter-relacionada como o paradigma de um nome ou de um verbo, mas pressupomos que, se um elemento característico da estrutura, tal como o uso de posposições, está manifesto numa determinada língua, essa língua pode ser identificada como OV.

Não obstante, devemos lembrar-nos sempre de que as línguas estão mudando constantemente. As mudanças são mais lentas na sintaxe do que na fonologia ou na morfologia. O resultado disso é constatarmos com frequência os resíduos de construções passadas lado a lado com os padrões atuais. Deparamos com esses resíduos na literatura e, especialmente, na poesia, que tende a seguir as normas tradicionais. Se, tal como no inglês antigo, as construções comparativas OV são mantidas apenas na linguagem mais antiga, com a substituição gradual por construções VO, podemos assumir que a língua está mudando da ordem OV para a ordem VO. Dispomos de mais evidências de uma tal mudança em inglês, como veremos abaixo. Aqui, podemos notar simplesmente que os outros dialetos germânicos também contêm construções comparativas OV. De acordo com esse dado, reconstruímos o protogermânico como uma língua OV. Recebemos apoio para nossa reconstrução do protogermânico no padrão OV do sânscrito védico e do latim.

Notamos também os segmentos da língua sob investigação que mantêm as construções mais antigas. Tal como acontece com o léxico, essas seções são tipicamente os segmentos mais comuns, como os pronomes. Por exemplo, em latim observamos o uso posposicional de *cum* com os pronomes, tal como *mēcum* “comigo”, *sēcum* “consigo mesmo”. Formas “congeladas” como essas na sintaxe são tão importantes para a reconstrução histórica quanto o são as formas aberrantes na morfologia, por exemplo, os verbos irregulares ingleses ou os resíduos que comprovam a Lei de Verner, como *was* : *were*, *lose* : *(for)lorn*.

Precisamos estar atentos à fácil modificação de alguns padrões característicos, tal como os adjetivos descritivos. Escritores literários não modificariam o padrão comparativo

e provavelmente não alterariam a ordem das adposições; em inglês, é comum encontrar adjetivos colocados após os nomes que qualificam, tal como *This is the forest primeval* (“Este é a floresta primeva”) de Longfellow. Por causa da fácil manipulação dos adjetivos e outros padrões, estabelecemos a ordem de palavras básica por meio de padrões mais rígidos, tal como a comparação, as adposições e a posição da oração relativa.

Seguindo tais diretrizes, interpretamos as descobertas de Weil, Delbrück e outros. Numa de muitas monografias baseadas numa dissertação, Wende (1915) localizou as posposições em textos anglo saxônicos. Seus resultados estão de acordo com as afirmações acima. As posposições ocorrem principalmente nos textos tradicionais, p ex., *ac ðis... we willa her æfter areccean* (*Cura Pastoralis*, 75.17) [*but this we will relate hereafter*] “mas isto contaremos depois”. As construções posposicionais são cada vez menos frequentes no decorrer das escritas do inglês antigo. Interpretamos tais descobertas, como interpretamos as de Small, como os resíduos do padrão OV. Ademais, constatamos a presença de resíduos no inglês atualmente em advérbios como *herein*, *hereafter*, etc. Vale notar que tais resíduos são mais comuns nos estilos arcaicos, como a linguagem jurídica. Mesmo que não dispuséssemos dos textos anglo saxônicos, poderíamos concluir a partir das formas correntes no inglês que a língua era num determinado momento uma língua OV.

Da mesma maneira, examinamos as construções características em textos dos outros dialetos indo-europeus, como os poemas homéricos. Nesses, encontramos construções comparativas do padrão OV, tal como esta no primeiro livro da *Iliada*, verso 249:

τοῦ καὶ	γλώσσης	μέλιτος	γλυκίω	ῥέεν	αὐδῆ
<i>toû kaĩ</i>	<i>glóssēs</i>	<i>mélitos</i>	<i>glukíō</i>	<i>hréen</i>	<i>audē</i>
sua PARTÍCULA	da_língua	do que_mel	mais_doce	fluíram	som

“(palavras) mais doces do que o mel fluíram da sua língua”

Embora os poemas homéricos contenham tais construções comparativas OV, também exibem construções VO com partículas como “do que”. Ao interpretarmos essas construções, devemos notar que, tal como noutra poesia épica, os poemas homéricos contêm muito material tradicional. Tais passagens podem ser identificadas pelas ordens OV. No entanto, devemos estar sempre atentos para o fato de que os poetas podem criar construções pseudo-arcaicas. Não obstante, a variedade de construções comparativas nos indica que o grego estava mudando de uma estrutura OV para uma estrutura VO no início do primeiro milênio antes de Cristo.

Resíduos de padrões OV em muitas das línguas indo-europeias ainda estão por ser interpretados. Estudos semelhantes precisam ser realizados para as outras famílias. É evidente, por exemplo, que os livros do Velho Testamento exibem uma progressão de mudança. Diferentemente das línguas indo-europeias, contudo, a progressão foi da estrutura VSO para SVO. A mudança pode ser ilustrada ao citar as construções relativas.

As línguas VSO não precisam dispor de uma partícula relativa, mas podem simplesmente justapor verbos finitos depois dos núcleos. Esta é a construção em Gênesis 1.1:

... א אלהים בראשית בר (Sem diacríticos para os vogais.)

... בְּרָאִישׁוֹת, בְּרָא אֱלֹהִים (Com os diacríticos vocálicos.)

*bərəsith bārā? ʔelohim ...* (Transliteração.)

No início criou Deus

“No início, quando Deus criou...”

Apenas nas novas traduções, como também os gramáticos hebraicos anteriores, reconhecem que a segunda e a terceira palavra formam uma oração relativa que modifica a primeira palavra. Consequentemente, as traduções mais antigas, tal como a da Versão Autorizada do Rei James da Igreja Anglicana (*King James Authorised Version*) são erradas. Os tradutores desconheciam os padrões VSO e trataram a construção preposicional inicial como um advérbio seguido pelo verbo principal.

A interpretação correta do tipo de língua e os tipos de universais com ele associado, como também das outras características mencionadas acima, são relevantes, portanto, para a melhor compreensão do fundo histórico de determinadas línguas individuais. Entretanto, já que os padrões de estrutura sintática eram desconhecidos, a interpretação das construções com frequência era errada, bem como os padrões sintáticos não tinham explicação.

### **12.5. Processos na mudança da construção da oração relativa**

Podemos exemplificar a mudança de algumas construções características para uma melhor compreensão dos processos envolvidos na mudança sintática.

Textos hititas dos séculos XVIII a XII a.C. fornecem materiais para compreendermos a mudança das construções relativas OV em direção à construção VO. Esses materiais são suplementados por textos latinos antigos, que ainda contêm construções relativas OV. Antes de examinarmos as passagens, podemos notar que muitas construções relativas servem para identificar especificamente, ou seja, para *topicalizar*, os substantivos por elas modificados, tal como em *a menina que saiu é a sua irmã* ou *aquela menina que saiu é a sua irmã*.

Vale também mencionar que as línguas OV são mais assindéticas do que as línguas SVO: as orações parecem muitas vezes estar encadeadas ou enfileiradas, sem conjunções. Dessa maneira, os mais antigos textos hititas contêm tais orações paralelas, algumas das quais poderiam ser tratadas como orações relativas, se as produzíssemos em português.

No hitita antigo, uma partícula era colocada nos substantivos para topicalizá-los de

uma maneira bastante parecida à que realizam as orações relativas, tal como no seguinte exemplo tirado de Justus (1975: 213-35<sup>2</sup>):

*Kuis sagais kisari ta LUGALI ... tarueni*  
Qual sinal parece 3.sg. para\_rei reportamos

Podemos traduzir a sentença como “Reportamos ao rei qualquer sinal que apareça”. Porém, para nos aproximarmos mais do significado da sentença em português, a tradução seria “Reportamos o sinal que apareça ao rei”.

Numa versão mais completa da construção em hitita antigo, o nome relativo aparece nas duas orações:

*Gud-puhugarin ma kuedani UDti nu-za UTUSI apedani UDti*  
Boi-substituto partic. em-que dia partic.-partic. meu-deus\_do\_sol em-esse dia  
*warapta*  
banhou-se

“O rei (= deus do sol) banhou-se no dia em que eles adornaram o boi-substituto.”

Em ambos esses exemplos, o nome relativo é topicalizado por um elemento que veio a ser utilizado mais tarde como um pronome relativo.

Podemos citar um exemplo parecido das Leis Agrárias latinas de cerca do ano 111 a.C.:

*Quei ager publicus populi Rom. in terra Italia... fuit, de eo agro loco quem agrum locum populus ex publico in privatum commutavit, is ager locus... domneis privatus ita...*

“Qualquer terra pública do povo romano que houvesse no país da Itália, dessa terra e [desse] lugar qualquer terra e lugar o povo transferisse de pública para privada, essa terra e [esse] lugar será privada para os proprietários.”

As duas orações iniciais precoces que começam com *quei* e *quem* parecem, por um lado,

---

<sup>2</sup> JUSTUS, Carol (1975). “Relativization and topicalization in Hittite”, em: Charles N. LI (org.), *Subject and Topic*. Londres e Nova York: Academic Press.

ser orações relativas prepostas e, por outro lado, serem declarações topicalizadas. A retomada do nome relativo por meio da frase *de eo agro* lembra o exemplo hitita, indicando que a oração anterior é considerada como relativa nessa época e nesse estilo do latim. Num estágio posterior e na linguagem subsequente, a sentença seria proferida como “a terra *que* pertencia ao povo... será privada para os proprietários”.

Conforme as línguas passem a ser de estrutura VO, as orações relativas geralmente chegam a serem colocadas depois das orações principais. Ademais, o nome relativo não está incluído na oração relativa, mas aparece somente na oração principal, tal como é o caso nas traduções dos exemplos dados acima. O elemento pronominal topicalizador se torna, então, um marcador relativo, geralmente colocado diretamente depois do nome relativo, tal como na frase “a terra *que*”. Desse modo, o padrão de oração relativa pode mudar completamente desde uma estrutura OV original para uma estrutura VO, tal como a que conhecemos no português.

Diferentemente do português, que exige a presença do pronome relativo, em inglês o marcador relativo ainda pode ser omitido, de uma maneira parecida ao hitita mais antigo. A omissão do marcador relativo em inglês é possível quando o nome relativo é o objeto do verbo na oração relativa, tal como vemos na sentença *This is the book she bought* (“Este é o livro que ela comprou”). No alemão medieval, o pronome relativo podia ser omitido também quando o nome relativo era o sujeito da oração relativa, tal como vemos na seguinte sentença do alto alemão antigo:

*Er sāh in thō gisagēta thia sālida in thō gaganta*

Ele de- imediato lhes então contou a ventura lhes então havia-acontecido

“De imediato ele lhes contou a ventura [que] lhes havia acontecido.”

Essa construção é conhecida como *apò koinou*, comum às duas orações. Constata-se também no alto alemão médio, em que o elemento comum pode ser o objeto dos verbos nas duas orações, tal como em:

*Gâwân an den zīten*

Gawain nesse momento

*sach in der siule rīten*

viu [entrar] na sala montados

*ein rīter und ein frouwen*

um cavaleiro e uma dama

*moht er dâ beidiu schouwen*

podia ele lá ambos ver

“Então, Gawain viu [entrar] montados na sala, um cavalheiro e uma dama, [de quem] ele podia ver ambos.”

Durante o longo período da transição da construção relativa OV para a VO ocorrem vários outros assuntos de interesse. Os dados podem ser consultados nos manuais, mas não são explicados, contudo, e, por conseguinte, muitos problemas sintáticos permanecem para serem explicados em mais detalhe. Aqui, proferimos apenas alguns exemplos para ilustrar como as orações relativas do padrão OV foram mudadas para a construção relativa que encontramos no português e nas demais línguas indo-europeias modernas.

## 12.6. A mudança gradual noutras construções

Se o português fosse uma língua OV, os genitivos seriam colocados antes dos nomes que modificam. Uma situação interessante no que diz respeito à construção genitiva existe na língua inglesa em que as duas possibilidades posicionais – pré- e pós-posição – coexistem. O genitivo anteposto ocorre geralmente no inglês moderno apenas com os nomes de seres animados, a não ser que o falante deseje explorar a capacidade flexível da língua para criar expressões “brincalhonas”. Diz-se naturalmente *Joe’s legs were tired after the game* (“As pernas do Joe estavam cansadas depois do jogo”), mas tipicamente hesita-se dizer *The table’s legs were scratched* (“As pernas da mesa estavam arranhadas”) em lugar de *The legs of the table were scratched* (“idem”). Ao observar que o genitivo preposto era mais frequente no período anterior da língua inglesa, Fries (1940<sup>3</sup>) investigou essa construção, dentre outras.



Nos textos em inglês antigo do ano 900 d.C., 52% dos genitivos ficavam antes dos substantivos, tal como na seguinte frase (*Benedictine Rule*, 95.14):

*On ænium            oþerum            mynstres            þingum.*

[*In any            other            minster’s            things*]

Em qualquer\_DAT outro\_DAT mosteiro\_GEN coisas\_DAT

Port., “Em quaisquer outros negócios do mosteiro”

Ingl. mod., “*In any other affairs of the minster*”.

<sup>3</sup> Citação de FRIES, Charles (1940). “On the development of the structural use of word-order in modern English”, *Language* 16: 199-208.

Contudo, os genitivos perifrásticos, ou seja, os formados com preposições, ocorrem em apenas 0,5% dos casos. Até o ano de 1300 d.C., no entanto, 84,5% de todos os genitivos são perifrásticos, tal como na tradução acima para o inglês moderno e no uso atual. Fries concluiu no seu artigo que “in present-day standard English the pressure of position is such that all word groups tend to modify the word immediately preceding”<sup>4</sup> (*op. cit.*, 206). Entretanto, Fries não relacionou sua descoberta a conclusões gerais sobre a linguagem, como quando uma mudança na posição do genitivo é esperada, quando uma língua passar de uma estrutura OV para uma estrutura VO. Sem dúvida, o trabalho de Fries é de grande interesse, também por indicar o período de tempo necessário para a introdução do padrão VO do genitivo no inglês.

É também instrutivo examinar o desenvolvimento do padrão comparativo na língua inglesa e nas demais línguas germânicas. Tal como observamos acima, no período antigo dessas línguas, o comparativo podia ser colocado simplesmente depois do padrão no caso dativo, tal como em *stāne heardran*. As línguas VO, diferentemente das línguas OV, precisam de partículas entre o adjetivo e seu padrão, tal como constatamos na construção moderna, tanto em português, quanto em inglês, ou seja, *mais velho/maior do que o João* e *older than Jack*. Conforme o inglês estivesse mudando para a estrutura VO, várias partículas eram aplicadas, algumas das quais ainda podem ser encontradas nos dialetos. Dentre as partículas é *as* (“como”), que corresponde à partícula comparativa *als* do alemão. Uma outra é *nor* (“nem”)<sup>5</sup> e ainda outra é *be*, que não advém do verbo *ser*, mas que se trata de um reflexo de uma construção instrumental com *by* (“por”/“com”). A estrutura VO precisava de uma partícula, mas admitia várias possibilidades. Foi apenas depois de algum tempo que a partícula *than* (“do que”) estabeleceu-se no inglês padrão. Vale notar que, no alemão padrão moderno, é a partícula *dann*, cognato de *than*, que é a forma dialetal não-padrão, em contraste com *als*, que se fixou como o marcador do padrão no grau comparativo.

## 12.7. A mudança na ordem dos complementos

Nas línguas OV, os complementos, também conhecidos como as orações objetivas, são antepostos. No japonês, por exemplo, as orações complementares precedem as orações principais. Aquelas orações terminam tipicamente com substantivos, como *koto* “fato”, que são o objeto do verbo principal, tal como,

<i>Fune</i>	<i>no</i>	<i>deta</i>	<i>koto</i>	<i>o</i>	<i>shirantai</i>
Barco	PARTÍCULA	sair/partir_PRET.	fato	PARTÍCULA	ignorar

<sup>4</sup> “No inglês padrão atual, a pressão exercida pela posição é de tal maneira que todos os conjuntos de palavras tendem a modificar a palavra que os precede diretamente.”

<sup>5</sup> Cf., port. bras. mod., *Ele está/é que nem o pai dele*.

“Ele não sabe que o barco partiu.”

O hitita preserva construções parecidas, embora com participios, tal como,

*Ammuk-war-na akkantan IQ.BI*  
Me-PARTÍCULA-o morto ele-afirmou  
“Ele me afirmou que ele estava morto.”

Essa construção parece a que observamos no turco, por exemplo,

*Onun gideceğini biliyorum*  
Sua vinda eu-sei  
“Eu sei que ele virá.”

Se uma língua chegar a ser de estrutura VO, tais orações objetivas devem ficar depois do verbo. Quando são colocadas nessa posição, geralmente são introduzidas por um marcador que indica a presença do complemento

As diversas línguas indo-europeias são bastante interessantes pelas construções por elas introduzidas para marcar os complementos. No sânscrito, *yád* “o que” é um marcador inicial frequente que corresponde ao *hó* (ὃ) do grego homérico. Ao decorrer do tempo, outros marcadores foram introduzidos, como *hóte* (ὅτε) no grego. Além disso, a construção do acusativo com infinitivo também é frequente, tanto em latim quanto em grego, por exemplo, *κελεύω σε ἀπελθεῖν* (*keleúō se apeltheîn*) “comando que vás” (lit., “comando-te a ir”) e *ITER PATEFIERĪ VOLĒBAT* “desejava que a estrada fosse aberta” (lit., “Desejava a estrada ser aberta”).

Existem dois padrões importantes para a complementação nas línguas indo-europeias que apresentam a estrutura VO. Ao inspecionar o desenvolvimento dos mesmos em qualquer dessas línguas, detalhes, como os verbos com que são utilizados, fornecem temas para investigações adicionais. As gramáticas do passado listam os padrões e os complementadores, mas não os relacionam às mudanças estruturais na sintaxe.

As línguas germânicas desenvolveram suas próprias construções, na opinião de alguns especialistas sob certa influência do latim, embora os padrões independentes em cada uma das línguas sugiram que as construções germânicas são nativas. No inglês antigo, um dos padrões comuns é uma oração introduzida por *þæt*, tal como constatamos em,

*bæd þæt he wære Cristen gedon*

[*Bade that he were Christian made*] ([*He asked that he be made a Christian*])

pediu que ele fosse cristão feito

“Ele pediu que fosse feito cristão.” / “Ele pediu ser feito cristão.”

Tal como no caso do verbo principal no exemplo acima, os verbos que significam “pedir”, “solicitar”, “informar”, “fazer saber”, “dizer”, “prometer” e “pretender” são seguidos por complementos com *þæt* no inglês antigo. Por outro lado, os verbos que significam “mandar”, “desejar”, “começar” e “atrever” são seguidos por complementos infinitivos, tal como em,

*Het hine gan to þam cininge*  
mandar.3.sg.PRET 3.sg.masc.ACUS ir a o.DAT rei.DAT  
“Mandou-o ir ao rei” [*He commanded him to go to the king*]

Foi só mais tarde que a construção com o gerúndio em *-ing* foi introduzida, segundo alguns especialistas sob a influência de contatos com o celta, tal como *She intended driving the children to school* (“Ela pretendia levar as crianças para a escola de carro”) e *They began going slowly to the door* (“Eles começaram a ir devagar em direção à porta”). Já que esse terceiro padrão de complementização não é atestado nas demais línguas germânicas, a origem proposta no celta, em que existem substantivos verbais, é bastante provável.

O islandês antigo desenvolveu uma construção introduzida pela partícula *at*, comparável com a com *þæt* do inglês antigo, e também utilizava a construção de infinitivo com acusativo. No alto alemão antigo, a partícula *huueo* (> alem. mod., *wie* “como”) era usada, tanto como a construção com *þæt* e o infinitivo com acusativo. Essas duas construções existiam também no saxônico antigo. Com a notável exceção da construção com *-ing* do inglês, os dialetos germânicos exibem paralelismos marcantes nos tipos de complementização, o que indica que os padrões iam sendo introduzidos ao protogermânico, sendo fixados somente ao consolidarem-se os dialetos individuais.

Os dialetos e até autores individuais do período antigo diferem no seu uso das construções possíveis, o que indica que os padrões ainda estavam flexíveis. Além disso, os verbos com que eram utilizados ora a construção com *þæt*, ora o acusativo com infinitivo, diferem muitas vezes dos do latim. Concluimos, portanto, que as estruturas complementizadoras eram desenvolvidas em cada uma das línguas germânicas, de maneira parecida à evolução das construções comparativas com suas partículas.

Esses desenvolvimentos nos interessam principalmente na medida em que indicam como as orações complementadoras que seguem os verbos surgiram numa das línguas indo-europeias. Existiam necessidades semelhantes para os outros tipos de oração, tal como a condicional, o resultado, o propósito e assim adiante. Deparamos com marcadores diferentes em muitos desses tipos de oração, até entre o inglês e o alemão, tal como *if* de inglês e *wenn* do alemão. Indagar a origem e o desenvolvimento dessas formas proporciona estudos sintáticos fascinantes, para as línguas românicas e para os outros ramos da família indo-europeia, como também para o germânico.

### **12.8. A mudança sintática das línguas ativas para as línguas acusativas**

Embora as diferenças entre o padrão OV do hitita ou do sânscrito védico e o padrão VO dos dialetos indo-europeus mais recentes possa parecer considerável, as mudanças entre as estruturas ativas e acusativas são bem mais compreensivas. Tal mudança ocorreu entre o pré-indo-europeu e o protoindo-europeu. Ao examinarmos as evidências para essa mudança, lembramos de algumas características das línguas ativas.

Como apresentamos no capítulo 5 sobre a tipologia, as línguas ativas diferem das línguas acusativas e ergativas ao exibir orações vinculadas pela concordância em lugar da regência. Os verbos e os nomes ficam em uma de duas classes *estativo/inanimado* ou *ativo/animado*. Ademais, os verbos são os elementos centrais das sentenças. Ao construir as sentenças, um nome ativo é acompanhado por um verbo ativo e um substantivo estativo com um verbo estativo. As línguas ativas apresentam outras características relevantes, por exemplo, o subsistema estativo do verbo exibe relativamente poucas formas. Os nomes manifestam poucas flexões. As inter-relações dentro das orações são indicadas por uma quantidade significativa de partículas.

Antes de relacionarmos essas características às do protoindo-europeu, convém lembrar-nos de alguns dos problemas de longa data no seu sistema verbal. O sistema do presente contrasta com o sistema do pretérito perfeito por tempo e aspecto. O sistema presente indica uma atividade progressiva; o sistema do pretérito perfeito expressa uma atividade completada, ou seja, um estado. Além disso, no sânscrito, no hitita e no grego precoce, existe um contraste fundamental de voz entre a ativa e a média, sendo que essa expressa com frequência um estado e é usada com um significado reflexivo. O pretérito perfeito e a voz média são associados há tempos pelos especialistas no indo-europeu, embora a base para tal alinhamento tenha sido debatida.

Ademais, quando examinamos as formas atestadas nos dialetos antigos, constatamos que há poucas formas características para o perfeito e a voz média. Ao construir o paradigma, as formas que faltavam foram criadas de acordo com as formas do presente. Para explicar essa situação, recordamos que a flexão estativa das línguas ativas apresenta poucas formas. Em decorrência da correspondência no significado do estativo

com o perfeito indo-europeu e a voz média, em conjunção com as correspondências morfológicas, concluímos que o protoindo-europeu era uma língua ativa.

Nossa conclusão recebe apoio de dados adicionais. Entre esses dados constam os conjuntos de raízes que são flexionadas apenas como ativos ou como médios. Dentre as raízes léxicas flexionadas somente de modo ativo estão as que significam “morder”, “bater”, “comer”, “dar”, “ir” e entre as que se flexionam apenas na voz média estão “estar deitado”, “sorrir”, “temer”, “virar”, “desejar”. Esses significados coincidem com a divisão de significado entre os verbos ativos e estativos noutras línguas ativas. Consequentemente, o contraste entre tais raízes pode ser interpretado como um resíduo da estrutura ativa anterior do pré-indo-europeu.

Além dos resíduos verbais, não podemos reconstruir um verbo que significa “ter” para o protoindo-europeu, muito menos para o pré-indo-europeu. Não conseguimos explicar a origem do verbo germânico *have, haben*, etc. Talvez seja baseada num verbo que existe em latim, *capiō* que significa “agarrar”, “tomar”. Se essa etimologia é correta, esperaríamos que o /-p-/ latino fosse /-f-/, conforme a Lei de Grimm. Pelas diversas dificuldades fonológicas e semânticas, alguns especialistas no germânico derivam *have/haben* da mesma raiz que usam para explicar *habēō* (> *haver*), com a influência da raiz de *capiō*. Adicionalmente, uma raiz totalmente diferente é usada para o verbo “ter” em grego, a saber, *ἐκχειν* (*ékhein*). Além disso, uma frase composta do verbo “ser” acompanhado por um substantivo no caso dativo funciona para indicar a posse em latim, tal como, *Mihi est liber* “A mim é o livro” = “O livro é meu”, cf., fr. mod., *C’est à moi ce livre* “Este livro é meu”. Dado que é uma característica das línguas ativas não terem um verbo para “ter”, exemplificamos a diversidade de expressões atestadas nas línguas indo-europeias por meio da pressuposição de que não havia um verbo para expressar “ter” no pré-indo-europeu e cada dialeto desenvolveu sua própria maneira de expressar esse conceito.

Os dialetos antigos incluem outros resíduos da flexão ativa. Recordamos também a evidência léxica fornecida pelos dois termos para o “fogo” e para a “água”, igualmente para os verbos como “estar deitado”, “jazer” e “sentar-se”. Observamos que uma dessas palavras se refere à substância ou à ação como ativo ou animado, ou seja, a palavra para a “água” atestada no sânscrito como *āp-* (→lat., *aqua, -ae*) e a para o “fogo” em latim, *ignis*, enquanto seu par se refere à substância ou à ação como inativo ou inanimado, ou seja, *water/Wasser/ὔδρος* (*húdros*) e *fire/Feuer/pūr* são os reflexos dos nomes inativos, inanimados no pré-indo-europeu [[o termo neolatino, *fogo, fuego, feu*, etc., não é cognato com essas palavras (< lat., *fōcus, -i* “lar”)].

Essa apresentação pode servir para exemplificar como, por um lado, podemos explicar os problemas no protoindo-europeu e nos dialetos indo-europeus precoces que ficaram sem explicação durante muito tempo. Também, esses exemplos podem indicar as mudanças grandes que ocorrem quando uma língua ativa se transforma para uma estrutura acusativa ou ergativa.

## **12.9. Explicações para as mudanças sintáticas e problemas na hora de reconstruir padrões sintáticos anteriores**

Ao procurar explicar as mudanças sintáticas, tomamos nossa evidência das modificações que foram atestadas e dos padrões sintáticos. Existe pouca dúvida de que a mudança sintática progride conforme a *deriva* da língua. Já notamos que quando as línguas indo-europeias se tornaram estruturalmente VO, as diversas construções foram modificadas para o padrão VO, algumas de um modo muito lento, tal como vimos no caso do genitivo inglês. Conforme os objetos fossem colocados depois dos verbos, também foram posicionadas as orações objetivas, na nossa terminologia, os complementos. Ademais, marcadores foram desenvolvidos para introduzir os complementos. Alguns desses marcadores foram tomados de certas partículas, tais como as formas de *\*yo-* do protoindo-europeu, ou como nas línguas germânicas, as formas de *\*to-*.

Igualmente, preposições foram introduzidas, muitas das quais originaram-se nas antigas posições. Também construções comparativas conforme o modelo VO foram desenvolvidas, com partículas selecionadas para funcionar como o eixo entre o adjetivo e o padrão.

Além disso, construções modificadoras do tipo VO foram introduzidas, tal como vimos ao resumirmos as evidências no hitita e no latim antigo no que diz respeito às orações relativas e no inglês, no que concerne às construções genitivas.

Em resumo, os padrões característicos VO foram incorporados gradualmente à estrutura sintática das línguas em mudança. Resíduos sobrevivem, tal como permanecem na morfologia e no léxico. Contudo, a transferência é pouco complicada, de modo que possamos pressupor alterações parecidas noutras línguas que sofrem mudança sintática. A evolução pode partir de um tipo inicial diferente, por exemplo, o hebraico mudou do tipo VSO para a estrutura SVO. Os processos envolvidos, porém, são comparáveis.

Tais observações, no entanto, não nos fornecem informação sobre a causa original da mudança. Esboçamos brevemente duas causas eventuais a seguir.

A primeira motivação concerne à adoção de uma língua por falantes não-nativos. Quando um número considerável de falantes não-nativos adota uma língua, parece que a mesma tende a ser alterada para a estrutura SVO. Aparentemente, a base para a mudança é para facilitar a compreensão. Tanto nas línguas VSO, quanto nas línguas SOV, os dois constituintes nominais mais frequentes nas sentenças, o sujeito e o objeto, estão lado a lado. Nas línguas SVO, por outro lado, esses constituintes estão claramente separados pelo verbo. Vale notar que todas as línguas mais faladas atualmente com mais de cem milhões de falantes são do tipo SVO. Algumas dessas línguas são indo-europeias: inglês, francês, alemão, italiano, português, espanhol, russo, hindu. Outro exemplo é o mandarim, que parece ter sido do tipo sintático SOB numa fase anterior. A última língua importante a mudar em direção à ordem SVO é o árabe, tradicionalmente uma língua VSO, que está assumindo cada vez mais traços SVO. Um aparente contraexemplo é o japonês, que

apresenta uma tipologia VO canônica. Entretanto, a língua japonesa não foi adotada por populações significativas fora do Japão que falavam outras línguas. A evidência das línguas muito faladas, portanto, apoia a hipótese de que as mesmas tendem para uma estrutura SVO. Se o padrão básico das sentenças mudar, as demais construções mudam gradualmente também, tal como exemplificamos acima.

A segunda causa para a mudança sintática é parecida com a primeira. Falantes de duas ou mais línguas tendem a usar a mesma sintaxe para a língua ou as línguas que menos dominam ou que eles usam menos. Numa observação pessoal, Lehmann reporta ter conhecido um indivíduo, um fijiano da terceira geração de ascendência indiana, que se dizia falar tâmil, fijiano e hindu. Quando o sujeito produzia sentenças em tâmil, porém, ele hesitava e usava a ordem VO, em lugar da ordem OV que é usual. Suas sentenças em fijiano eram corretamente VO, mas das três línguas falava o hindu da forma mais acertada, com uma ordem sintática OV consistente. Quando foi perguntado sobre o tâmil, o homem respondeu com certo constrangimento que tinha sido a língua do seu avô e que ele o falava apenas raramente. Entretanto, é certamente digno de nota que essa última língua era falada com a ordem VO do fijiano antes da ordem OV do hindu, a língua em que se sentia mais confiante e confortável. Tal exemplo não nos permite tirar nenhuma conclusão geral, na medida em que muitas variáveis estavam envolvidas, mas o caso sugere que os padrões fundamentais de uma língua podem sofrer modificações à base de padrões presentes noutras línguas.

Tais substituições provocadas pelo contato linguístico foram propostas para diversas línguas. O acadiano, por exemplo, é OV, que contrasta com a estrutura básica VO das línguas semíticas. Essa língua foi trazida para uma região ocupada por falantes da língua OV suméria e, pressupõe-se, o acadiano foi adotado por muitos falantes do sumério. No decorrer do tempo, o sumério foi extinto. A influência exercida pelo sumério no acadiano, contudo, constitui nossa melhor explicação da mudança na ordem sintática que constatamos na língua acadiana. Igualmente, as línguas semíticas da Etiópia se tornaram OV, presume-se também através da influência das línguas faladas nessa região antes da introdução do semítico.

Esses exemplos fornecem ainda mais apoio à hipótese de que as línguas indo-europeias se tornaram de estrutura VO quando foram introduzidas às diversas regiões em que existem hoje. Até o período do grego clássico e o latim clássico e os demais dialetos ocidentais mais antigos, todas essas línguas estavam adotando a ordem sintática OV. As inscrições celtas descobertas recentemente na Espanha indicam que o celta antigo, tal como o protoindo-europeu, exibia a ordem OV. Entretanto, nas Ilhas Britânicas e na Irlanda, as línguas celtas desenvolveram a ordem VSO, uma mudança que foi atribuída à adoção do celta por falantes de línguas desse último tipo. Essa teoria recebe apoio nas línguas indo-arianas modernas, porque, tal como as línguas dravídicas, que são faladas com línguas indo-arianas por muitas pessoas bilíngues principalmente no centro-sul do subcontinente indiano, essas línguas indo-europeias são consistentemente OV. No entanto,

o sânscrito clássico era ambivalente no que diz respeito à sua estrutura sintática. Os padrões sintáticos parecem ser regulados com menos rigor do que os da fonologia e na morfologia, de modo que sejam mais propensos a serem modificados sob a influência de outras línguas.